



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS - CCHE  
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO  
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA ESPANHOLA**

**ALIANA DAS NEVES BARBOSA**

**O COMPLEXO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE  
ESPANHOL - LÍNGUA ESTRANGEIRA: REFLEXÕES MEDIADAS  
PELO CINEMA**

**MONTEIRO - PB  
MARÇO – 2014**

**ALIANA DAS NEVES BARBOSA**

**O COMPLEXO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE  
ESPANHOL - LÍNGUA ESTRANGEIRA: REFLEXÕES MEDIADAS  
PELO CINEMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras-Espanhol.

Orientador: Prof. Me. Fábio Marques de Souza

**MONTEIRO-PB  
MARÇO - 2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B228c Barbosa, Aliana das Neves.

O complexo processo de ensino-aprendizagem de espanhol -  
língua estrangeira [manuscrito] : reflexões mediadas pelo cinema /  
Aliana das Neves Barbosa. - 2014.

49 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras -  
Espanhol ) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências  
Humanas e Exatas, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Fábio Marques de Souza, Departamento  
de Letras".

1. Espanhol-língua estrangeira. 2. Linguística aplicada. 3.  
Variação linguística. I. Título.

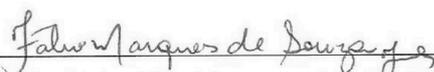
21. ed. CDD 460

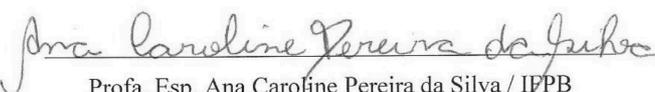
ALIANA DAS NEVES BARBOSA

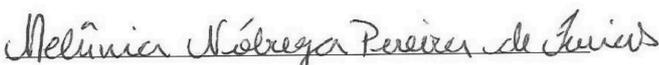
**O COMPLEXO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE  
ESPANHOL - LÍNGUA ESTRANGEIRA: REFLEXÕES MEDIADAS  
PELO CINEMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Centro de Ciências Humanas e Exatas da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciada em Letras-Espanhol.

Aprovado em 05 de Março de 2014.

  
Prof. Me. Fábio Marques de Souza / UEPB  
Orientador

  
Profa. Esp. Ana Caroline Pereira da Silva / IPPB  
Examinadora

  
Profa. Me. Melânia Nóbrega Pereira de Farias / UEPB  
Examinadora

*Tudo quanto tem fôlego louve ao Senhor. Louvai ao Senhor!*

*(Salmo 150, 6)*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, que por Seu unigênito, Jesus Cristo, me remiu, “Porque dele, e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente” (Romanos 11, 36).

De forma especial à minha família. À minha amada mãe, Ana Maria, por toda dedicação, apoio, incentivo e, principalmente, pelo amor de sempre. Mãe, tudo o que eu faço é para você. Ao meu querido pai, Otávio Santana. Aos meus queridos irmãos Aylla, Thiago, Anabelle e Ruan, vocês são meus tesouros, e é onde está o meu coração.

Aos meus amigos de longa data, que sempre se mostraram grandes incentivadores: Bella, Claudimede, Elizane, Geilda, Alessandra, Carol, Alexsandra, Alexandrina, Juliana, Carlinhos, Rodrigo e Marcelo.

Ao meu amado Gil por todo amor, paciência e torcida pelas minhas conquistas.

Ao meu orientador, Prof. Me. Fábio Marques de Souza, pela paciência, por todo o seu esforço em me ajudar, pelas palavras de apoio, pelas críticas construtivas, pelo entusiasmo e alegria de sempre. Você é muito especial. Obrigada por acreditar em mim.

Aos meus colegas de curso, que me proporcionaram momentos inesquecíveis: Mariana Mamede, Glória Mércia, Fabrícia Chagas, Jandirene Tiburcio, Vandeilma dos Santos, Maria Brito, Risolene, Alberto, Phaiva e Emerson Lima. Aprendi muito com cada um de vocês.

Em especial, à minha amiga Fabiana Machado, pelo laço de amizade e irmandade que firmamos. Com a qual dividi conquistas, risos, tristezas, diversões, dúvidas e muitos conhecimentos, sei que posso contar com você, sempre. Ah! É contraditório, mas a igualdade e a diferença, a sensatez e a loucura explicam o nosso modo de ser. Nunca conheci alguém tão “igual” a mim.

Também aos amigos que conheci durante o curso, mas que seguiram caminhos diferentes; vocês deixaram saudades.

A todos os professores, que representam uma parcela importantíssima nesse processo.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram para a realização de mais essa etapa da minha caminhada, seja com um conselho, crítica, incentivo, ou simplesmente pela torcida. Muito obrigada de coração!

## RESUMO

Nossa motivação para esta pesquisa parte de nossa preocupação com o ensino do espanhol-língua estrangeira (E-LE) e sua variação linguística. Levamos em conta as particularidades que envolvem o ensino deste idioma, bem como a subjetividade, dinamicidade e imprevisibilidade que permeiam o complexo processo de ensinar e aprender línguas. Filiamos-nos à Linguística Aplicada e realizamos uma pesquisa bibliográfica, de forma a entrar em contato com as reflexões a respeito do nosso tema e propor alguns encaminhamentos didáticos para a questão. Apresentamos o modelo fractal de aquisição para fomentar a nossa proposta de contemplar a diversidade e a dinamicidade no ensino de forma a buscar a promoção da autonomia do aprendiz. Destacamos a potencialidade da sétima arte para mediar essas reflexões, visando dinamizar o aprendizado com vistas à interculturalidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espanhol-Língua Estrangeira. Linguística Aplicada. Variação linguística.

## RESUMEN

Nuestra motivación para esta investigación parte de nuestra preocupación con la enseñanza del Español - Lengua Extranjera (E-LE) y su variación lingüística. Tenemos en cuenta las particularidades que involucran la enseñanza de este idioma, bien como la subjetividad, el dinamismo y la imprevisibilidad que impregnan el complejo proceso de enseñar y aprender lenguas. Nos filiamos a la Lingüística Aplicada y realizamos una investigación bibliográfica, con el fin de ponerse en contacto con reflexiones sobre nuestro tema y proponer algunas sugerencias didácticas para la cuestión. Presentamos el modelo fractal de adquisición para fomentar nuestra propuesta abarcar la diversidad y el dinamismo de la educación con el fin de perseguir la promoción de la autonomía del alumno. Destacamos el potencial del cine para mediar estas reflexiones, que buscan impulsar el aprendizaje con miras a la interculturalidad.

**PALABRAS-CLAVE:** Español – Lengua Extranjera. Lingüística Aplicada. Variación lingüística.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Modelo fractal de aquisição de línguas (PAIVA, 2005).....	22
<b>Figura 2:</b> Modelo Fractal de Aquisição de Línguas ampliado (PAIVA, 2005).....	23

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
Objetivo Geral.....	10
Objetivos Específicos .....	10
Organização do trabalho .....	11
Metodologia da pesquisa .....	11
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	13
A LÍNGUA ESPANHOLA .....	13
1.1 O ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL (E-LE): A HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA .....	13
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	18
MODELO FRACTAL DE AQUISIÇÃO DE LÍNGUAS À LUZ DA TEORIA DO CAOS .....	18
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	26
O ENSINO-APRENDIZAGEM À LUZ DE FILMES .....	26
3.1. Cinema: Lugar da língua, da variedade, da arte e da cultura .....	26
3.2. Da ficção para a vida real: O complexo processo de aquisição de línguas.....	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
Contribuições teóricas.....	42
Contribuições práticas.....	42
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	43
Anexo 1: <i>Qué difícil es hablar el español (Juan Andrés e Nicolás Ospina)</i> .....	47

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa enfoca o complexo processo de ensino-aprendizagem de Espanhol-Língua Estrangeira (E-LE) e se insere no campo da Linguística Aplicada (LA)<sup>1</sup>, “cujo objeto é o problema ou a questão real de uso da linguagem colocados na prática social dentro ou fora do contexto escolar” (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 23). Trata-se de uma investigação de caráter bibliográfico, que se propõe a refletir e discutir a diversidade linguística e cultural na semiótica do professor e do aluno no processo de ensino-aprendizagem da língua estrangeira.

Observamos no campo do ensino-aprendizagem de E-LE, pelas lentes da LA o ensino de línguas a partir de perspectivas construtivas, o que possibilita abranger nosso campo de pesquisa e objetivos, pois os seus fundamentos teóricos acerca da linguagem não se restringem a métodos teórico-práticos de ensino-aprendizagem de línguas, mas sim, incentiva a criação de novos discursos, novas metodologias e possibilita conexões com outros saberes. Ademais, acreditamos que a LA, por seu caráter interdisciplinar, coloca o professor como linguista aplicado na área que atua, concomitantemente, sua formação deve possibilitar-lhe resolver e problematizar questões linguísticas e sociolinguísticas em sala de aula.

Com esse pressuposto, queremos propor uma reflexão conjunta, do ensino de espanhol e do tratamento da variação linguística em sala de aula, já que os documentos oficiais (PCN, OCEM, LDB) sugerem que o aluno possa ser exposto à alteridade, à diversidade e a heterogeneidade da língua estrangeira, pois, não há um único modelo, manifestação ou uso da língua espanhola (MORENO FERNÁNDEZ, 2007).

No entanto, na prática, o ensino-aprendizagem de Espanhol (E-LE), a nosso ver, na maioria das vezes, não contempla a diversidade linguística e cultural da língua. A variação linguística quando é abordada pelo livro didático e/ou pelo professor é tida como um fenômeno exterior à língua. Com isso, e com respaldo no modelo fractal de aquisição de línguas (PAIVA, 2005) à luz da teoria da complexidade ou teoria do caos (LARSEN-FREEMAN, 1997), queremos discutir a respeito do complexo processo de aquisição de línguas, abordando pareceres e teorias que visam contemplar o processo, uma vez que a aquisição de línguas não se reduz a um único modelo, método e/ou teoria

---

<sup>1</sup> Compartilhamos da definição de LA dos autores Cavalcanti (1986); Celani (1992); Moita Lopes (1996).

de aprendizagem, mas, a junção de vários métodos, tecnologias e teorias que visam o todo de um processo dinâmico e contínuo.

Diante do exposto, a nossa reflexão é mediada pelo cinema, ou melhor, material fílmico, pois é o suporte audiovisual que encontramos para apresentar a variedade linguística e cultural da língua espanhola, com vistas à interculturalidade. O estudo visa subsidiar as estratégias extralinguísticas, encontradas no material fílmico, para dinamizar o ensino-aprendizagem de espanhol (E-LE).

Neste sentido, dedicaremos atenção à análise e discussão do processo de aquisição de Língua Estrangeira<sup>2</sup> em alguns materiais fílmicos, visto que é notória a similaridade de fatores internos e externos inerentes ao aprendiz de língua estrangeira que interferem no processo de aprendizado da língua. Portanto, a nossa intenção com essa proposta é contextualizar teorias e considerações apresentadas no decorrer do trabalho. Além disso, o material fílmico aqui apresentado tem o papel de aproximar o aprendiz de línguas, da variedade da língua e à diversidade da cultura do Outro.

Com base nas reflexões e discussões apresentadas em nossa pesquisa, tivemos como objetivos:

### **Objetivo Geral**

Analisar o complexo processo que envolve a aquisição de línguas, tendo o cinema como mediador dessas reflexões.

### **Objetivos Específicos**

- Contribuir para as discussões e reflexões em relação ao ensino-aprendizagem de Espanhol (E-LE) tendo em vista sua variação linguística.
- Refletir a respeito do ensino e da heterogeneidade da língua espanhola;
- Discutir acerca do processo de aquisição de línguas, à luz de um modelo fractal que visa abarcar todos os métodos e teorias que promovam a aprendizagem de

---

<sup>2</sup> Neste trabalho, usaremos os termos aquisição e aprendizagem, bem como segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE) como sinônimos, apesar de sermos conscientes das especificidades que envolvem as discussões em torno de cada um deles.

línguas, baseando-se na imprevisibilidade e dinamicidade que envolve o processo de aquisição-aprendizagem da língua;

- Evidenciar a importância do ensino da variação linguística a partir de material fílmico;
- Analisar e discutir o processo de aquisição de línguas a partir de alguns materiais fílmicos, haja vista que é notória a similaridade de fatores internos e externos inerentes ao aprendiz de línguas, tanto no mundo real, quanto no ficcional.

### **Organização do trabalho**

Este trabalho está organizado em três partes principais, precedidos por esta introdução. No capítulo 1, intitulado *O ensino-aprendizagem de espanhol (E-LE): A heterogeneidade da língua*, refletimos a respeito do ensino de espanhol como língua estrangeira e sua diversidade linguística, com a proposta de inserir o aprendiz no contexto linguístico e cultural da língua estrangeira.

No capítulo 2, com o título *Modelo fractal de aquisição de línguas à luz da teoria do caos*, apresentamos o apoio teórico que deu suporte à nossa pesquisa, pois a proposta do modelo fractal incita o professor a buscar, modificar e refletir sua metodologia em sala de aula, visando contemplar o complexo processo de aquisição de línguas, na união de teorias, práticas e tecnologias de aprendizagem.

No capítulo 3, intitulado: *O ensino-aprendizagem à luz de filmes*, damos forma a nossa proposta de levar o cinema, material fílmico, para explorar a variedade linguística e cultural da língua espanhola em sala de aula, além de analisar, contextualizar e discutir alguns fatores que envolvem o processo de aquisição de línguas a partir de material fílmico e, por fim, apresentamos as *Considerações Finais*.

### **Metodologia da pesquisa**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que, quanto aos objetivos foi descritiva e, em relação aos procedimentos foi bibliográfica. A pesquisa bibliográfica, segundo Fonseca (2002), é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e

publicadas por meios impressos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas da internet.

Sendo assim, as reflexões e discussões apresentadas visam propor alguns encaminhamentos para a prática docente. A escolha do objeto de estudo, se deu através de questionamentos acerca do ensino de espanhol e da importância de sua variedade linguística nas aulas de língua.

Com isso, uma vez realizada a pesquisa bibliográfica a nossa pesquisa pauta-se na amostragem de insumo para abarcar a diversidade linguística e cultural da língua espanhola visando à interculturalidade e está fundamentada nos pressupostos teóricos de autores como Paiva (2005), Moreno Fernández (2007), Souza (2012 a e b, 2013, 2014 a e b) SOUZA *et al.* (2007, 2011, 2012a e b) e Napolitano (2006).

## CAPÍTULO 1

### A LÍNGUA ESPANHOLA

Neste capítulo, apresentamos uma breve discussão acerca do ensino de espanhol, abordando a importância do tratamento da variação linguística no ensino-aprendizagem deste idioma. Assim, buscamos estabelecer uma visão ampla e esclarecedora em relação à diversidade linguística e cultural que o ensino da língua deve contemplar.

Desse modo, Fernández (2002) alega que saber uma nova língua exige, além da competência linguística, outras competências que envolvam o conhecimento amplo relacionado não apenas a língua, mas também a cultura. Com esse pressuposto, discutiremos ao longo deste capítulo a variedade e dinamicidade da língua espanhola.

#### 1.1 O ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL (E-LE): A HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA

Filiamo-nos à Linguística Aplicada – LA, porque ela, conforme apresenta Souza (2013), é um campo de investigação que toma os usos da linguagem de forma abrangente. Buscamos, com isso, um processo mais dinâmico e renovado de se pensar no ensino-aprendizagem de línguas:

Do mesmo modo como o teatro é o ponto onde todas as artes –música, literatura, cenografia, interpretação, dança, artes plásticas– se encontram e se tornam realidade, “a LA [Linguística Aplicada] constitui o ponto no qual todo o estudo da linguagem se encontra e se torna realidade” (KAPLAN,1980, p.10 *apud* CELANI, 1992, p. 19).

O nosso objetivo neste capítulo é promover uma reflexão conjunta acerca do ensino de espanhol como língua estrangeira (ELE), e, discutir se este ensino visa integrar o aluno linguística e culturalmente na diversidade da língua espanhola. Uma vez que, a heterogeneidade linguística comentada aqui, é uma característica comum a todas as línguas vivas.

Portanto, a língua espanhola, assim como toda língua do mundo, é livre de homogeneidade e neutralidade linguística. “O substantivo “língua” é, sempre, coletivo, porque serve como rótulo unificador para uma multidão de coisas variadas, variáveis e

variantes...” (BAGNO, 2008, p. 32). Língua viva, porém, é aquela que há falantes que a falam, e concomitantemente, varia porque varia o seu falante, com isso, sofrendo influências e mudanças internas e externas de cada um deles.

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística, etc.). (BAGNO, 2008, p. 28).

A questão de aprender a língua espanhola tendo em vista a sua diversidade linguística não é uma preocupação apenas do aprendiz estrangeiro, muitas vezes, o próprio nativo se depara com a não uniformidade da língua. Neste contexto, nos deparamos com o vídeo “*Qué difícil es hablar el español*” (letra em anexo) com o objetivo de apresentar outro posicionamento, além do nosso, frente a diversidade de uma única língua, visando alargar a visão do aprendiz para que ele possa enxergar a variedade linguística desde outras perspectivas, podendo, a partir do conhecimento, excluir o preconceito existente entre qual a “melhor” língua espanhola a ser ensinada em sala de aula, como se a língua falada na Espanha fosse distinta ou incompreensível da falada na América-latina.

Consideramos pertinente apresentar, logo no início da discussão, a letra do vídeo “*Qué difícil es hablar el español*” que trata da variação linguística em sua forma mais abrangente e contextualizada, cantado e contado por dois irmãos, músicos, Juan Andrés e Nicolás Ospina, ambos de Bogotá, Colômbia. O vídeo<sup>3</sup>, traz um acervo cultural riquíssimo, pois, ademais de tratar da variação linguística em si — o que nos interessa bastante — faz um turismo pela Espanha e Latino-américa.

A canção em si, trata da dificuldade de aprender a língua espanhola, devido à sua variedade linguística. Já que o significado da palavra muda quando se muda de lugar e/ou região. Analisando a letra da canção através de uma perspectiva metodológica, a língua espanhola comporta tanta variação e confusão, em que a semântica, também variada e confusa, serve de amostra para a nossa pesquisa.

Encontramos contextualizada no vídeo, a música, a culinária, expressões

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Xyp7xt-ygy0> Acesso: 10/10/2013.

populares, léxico e outras curiosidades da cultura espanhola reunidas em um único material. É importante ressaltar que o nosso intuito em televisar o ensino é ativar o desenvolvimento de competências, sobre tudo, a competência comunicativa e auditiva do aluno.

O nosso propósito, ao trabalhar com o audiovisual é saber que não há um único e eficaz método para aprender uma língua estrangeira, assim como um cálculo matemático, pode ser resolvido de diversas formas, também, uma língua, pode ser aprendida de diversas maneiras.

O que não podemos é nos deter em um único método e prática de ensino, pois não existe um único perfil de aluno que sirva de modelo para aprender e ser ensinado, o que há, é uma variedade significativa de perfis que precisam que a escola reconheça como parte do mesmo processo de ensino-aprendizagem, e ademais, se tratando de variação linguística, não há um único e aceitável espanhol para ser aprendido e ensinado na escola.

Com esse pressuposto, a variação linguística não pode ser entendida como um fenômeno exterior a língua, há muitos elementos em jogo.

Cada variedade é resultado das peculiaridades, das experiências históricas e socioculturais do grupo que a fala: como ele se constituiu, como é sua posição na estrutura socioeconômica, como ele se organiza socialmente, quais seus valores e visão de mundo, quais suas possibilidades de acesso à escola, aos meios de informação, e assim por diante. (FARACO, 2005, p. 32).

A nossa proposta neste trabalho não é a de delimitar nem eleger variantes para o ensino de espanhol, e sim, mostrar algumas das possibilidades de ensinar a língua espanhola, seja qual for a variedade escolhida, sem descaracterizar as demais, pois, não há um “verdadeiro” espanhol para ser ensinado.

Historicamente, o espanhol peninsular, assim como o espanhol americano, carregam em si valores e peculiaridades próprias, e ambos são, respectivamente, extremamente eficazes, heterogêneos e dinâmicos. Com isso, A questão *¿Qué español enseñar?* (MORENO FERNÁNDEZ, 2007) está sendo superada gradualmente, e já podemos substituí-la por: como ensinar o espanhol, essa língua tão plural, tão heterogênea, sem sacrificar as suas diferenças nem reduzi-las a puras amostragens sem qualquer reflexão maior a seu respeito? (OCEM, 2006). Neste sentido:

Es fundamental comprender que el español aglutina variedades geolingüísticas y sociolingüísticas diversas. Con esto se quiere decir que, sin negar lo común, es evidente que la lengua general se manifiesta de formas distintas de acuerdo con variables externas a ella, como son la geografía, el tiempo, la sociedad y la situación. De esas variables, nos van a interesar especialmente la geografía y la sociedad, es decir, los resultados variables que las distintas realidades geográficas y sociales del dominio hispánico provocan sobre el español. La lengua española presenta variedades dialectales en Europa, América y África. Asimismo incluye hablas criollas en América (papiamento, palanquero) y Asia (chabacano, chamorro), y una variedad sin circunscripción geográfica compacta (judeoespañol). El profesor de E/LE debe tener una formación básica – y disponer de una información adecuada sobre la realidad dialectal de la lengua que enseña. Más concretamente, es importante que conozca los caracteres fundamentales de las variedades de Europa y de América, por ser las mayoritarias y las más extensas. (MORENO FERNÁNDEZ, 2007, p. 22-23).

Os conhecimentos de língua estrangeira que os documentos oficiais (PCN, OCEM, LDB) propõem para o ensino de línguas nos contextos educacionais, especificamente os voltados para o ensino de espanhol, sugerem que nesse ensino o estudante possa ser exposto à alteridade, à diversidade e a heterogeneidade da língua estrangeira, neste sentido:

es importante resaltar que el contacto que los alumnos tengan con las variedades del español no se puede establecer sólo por medio de simples curiosidades léxicas, como si las diferencias se redujeran a unas tantas palabras que se usan en un lugar y en otro no. Es necesario que las variedades aparezcan contextualizadas y por medio de un hablante real o posible que muestre dicha variedad en funcionamiento. El profesor no puede sólo hablar sobre las variedades y ser la única voz que las representa, es importante que transmita la palabra a otros hablantes que mostrarán cómo funciona realmente cada variedad. (VENTURA, 2005, p. 119-120).

Ventura (2005) quando indica que o ensino de língua estrangeira deve estar contextualizado na fala do nativo e no ensino da variação linguística, seguramente, não fala de um encontro direto com o livro didático, que certamente trará, tão somente, curiosidades superficiais sobre a língua, distorcendo a ideia do que seja a variação linguística para o aluno.

Em se tratando de variedades linguísticas, a maioria dos livros didáticos direcionados para o ensino de espanhol comercializados no Brasil não contemplam o ensino da variação linguística da língua. Ademais, o tratamento da heterogeneidade

linguística no ensino de línguas é uma questão que merece uma reflexão e atenção maior por parte dos professores no que concerne ao descarte das variedades Latino-americanas no ensino-aprendizagem de espanhol, pois são variedades reais que são estigmatizadas pelo sistema, fomentando assim, o preconceito linguístico (LESSA, 2013).

Segundo Lessa (2013), o discurso do professor, assim como aquilo que ele leva de material didático para sala de aula, é agente de autoridade, ou seja, o professor é um ser político, e por isso, deve investir no discurso crítico e reflexivo que traga questionamentos e pareceres a respeito do ensino de espanhol e sua variedade linguística. Na verdade, o professor é para o aluno representante autêntico da língua estrangeira que ensina e o seu discurso é, para o aprendiz, carregado de veracidade.

Além disso, sabemos que o professor como arquiteto da arte de ensinar, tem a capacidade de inventar e reinventar sua prática de ensino e deve buscar, nos materiais didáticos, meios, e não fins, que o possibilite contribuir para a aprendizagem e formação contínua dos alunos.

O que acontece muitas vezes no ensino de língua estrangeira é que o professor arrisca-se na tentativa de ser o único porta-voz do Outro, de forma a silenciar a diversidade.

## CAPÍTULO 2

### MODELO FRACTAL DE AQUISIÇÃO DE LÍNGUAS À LUZ DA TEORIA DO CAOS

Neste capítulo, abordamos reflexões a respeito do complexo processo de aquisição de línguas, visando ampliar a visão do professor acerca de práticas e teorias de ensino-aprendizagem. Este trabalho compartilha dos princípios teóricos da LA e considera a aquisição/aprendizagem de línguas como um processo complexo de forma que não pode ser explicado dentro de uma ótica linear e mecanicista da previsibilidade, como têm pensado as diversas teorias sobre a aquisição de línguas (PAIVA, 2005).

Ao analisar as teorias que abordam a questão do processo de aquisição/aprendizagem de línguas nos deparamos, a nosso ver, com a teoria que mais se aproxima e, conseqüentemente, nos aproxima de uma reflexão acerca do complexo processo de aquisição de línguas em uma perspectiva integradora.

Além disso, podemos dizer que em meio a explicações e questionamentos a que este trabalho se dedicou a respeito do ensino de espanhol tendo em vista a sua variedade linguística com o uso de material fílmico, o modelo fractal de aquisição de línguas (PAIVA, 2005) à luz da teoria da complexidade ou teoria do caos (LARSEN-FREEMAN, 1997), contempla o ensino de línguas a partir da integração com outros contextos de aprendizagem, visando às particularidades, autonomia e competências do aprendiz. Ademais, a teoria do caos compartilha do caráter interdisciplinar da LA e apoia os pontos aqui tratados.

Paiva (2005), a partir da representação gráfica do modelo fractal de aquisição de línguas, propõe ver a aquisição como um conjunto complexo, composto por subsistemas igualmente complexos e dinâmicos. Para Brasil (2010), a teoria da complexidade ou teoria do caos “tem como objetivo compreender como elementos interagentes de um sistema complexo criam um comportamento coletivo e como tal sistema simultaneamente interage com o ambiente em que se insere” (LARSEN-FREEMAN e CAMERON, 2008, p.1).

A teoria da complexidade também pode ser aplicada a muitos níveis diferentes. Por exemplo, aos neurônios no cérebro humano; às células

e micróbios no corpo humano; e à flora e à fauna no ecossistema, bem como às atividades sociais como o modo em que a informação flui através das redes sociais ou de computadores, à dinâmica da transmissão de infecções e ao comportamento de consumidores e firmas em economia. Cada um desses sistemas funciona como um sistema complexo (LARSEN-FREEMAN e CAMERON, 2008, p. 5).

Larsen-Freeman citado por Paiva (2005, p. 26) aponta várias evidências para comprovar que há semelhanças entre a teoria da complexidade ou teoria do caos e a aquisição de segunda língua, pela complexidade de tentar explicar teoricamente o processo interno e externo pelo qual o aprendiz de segunda língua está sujeito a enfrentar.

Esta teoria nos mostra que não existe uma única e inflexível resposta para a pergunta: Como se aprende uma língua? E, concomitantemente, não adota o uso de uma única teoria para a aquisição de uma língua. Aliás, é a junção de teorias, modelos e suposições que podem efetivar o ensino-aprendizagem de línguas. A teoria do caos coloca o aluno/aprendiz/indivíduo no campo da imprevisibilidade, e apresenta uma reflexão muito pertinente acerca do seu papel no processo de aquisição de línguas, vejamos o porquê,

Embora seja possível teorizar sobre a existência de alguns padrões gerais de aquisição, cada pessoa tem as suas características individuais, sendo impossível descrever todas as possibilidades desse fenômeno. Há variações biológicas, de inteligência, aptidão, atitude, idade, estilos cognitivos, motivação, personalidade e de fatores afetivos, além das variações do contexto onde ocorrem os processos de aprendizagem – quantidade/qualidade de *input* disponível, distância social, tipo e intensidade de *feedback*, cultura, estereótipos, entre outros. (PAIVA, 2005, p. 23).

A diversidade sócio-cognitiva de estilos de aprendizagem faz-nos lembrar de que o processo de aquisição/aprendizagem de línguas é totalmente particular e subjetivo. Entende-se que, assim como há particularidades na disciplina a qual atuamos, há ainda, particularidades e subjetividades dos indivíduos aos quais mediamos esses conhecimentos, e que, respectivamente, merecem a nossa atenção. “O aprendiz é parte central do processo e deve ser visto como agente de sua própria aprendizagem e não como objeto que se plasma de acordo com as imposições dos métodos e do professor” (PAIVA, 2005, p. 31).

Neste sentido, segundo Motta (1997), a aprendizagem ocorre de uma forma mais eficaz quando os alunos desempenham um papel ativo no processo, não apenas recebendo informação, mas internalizando-as de uma forma significativa.

Assim, tanto a teoria do caos quanto os dados que incorporam o modelo fractal de aquisição, incitam a participação ativa e autônoma do aprendiz no processo de aquisição/aprendizagem de línguas, sendo ele mesmo responsável pela sua autoaprendizagem e autodesenvolvimento.

A boa notícia, para a autonomia, é que os pouquíssimos alunos que conheci pessoalmente e que foram capazes de adquirir um conhecimento funcional da língua estrangeira, foram alunos autônomos, alunos que por conta própria foram muito além do que lhes foi exigido na sala de aula. Isso me leva a pensar que, excetuados os casos de imersão, só é possível aprender uma língua estrangeira se o aluno for autônomo. Se não for assim, ele vai ficar apenas no que é dado na sala de aula, e isso não basta para adquirir o domínio de uma língua (LEFFA, 2003, p.8).

No entanto, esta postura autônoma exigida do aprendiz nesse processo, não dispensa o papel mediador e dinâmico do professor de línguas, pois, é ele quem determina metodologias e materiais para as suas aulas, e com isso, constrói e desconstrói conceitos acerca da língua que ensina. A respeito da falta de autonomia frente à língua estrangeira, temos:

Alguns [aprendizes] porão em funcionamento a estratégia da peneira: eles aprendem, mas não retêm quase nada ou muito pouco. Outros adotarão a estratégia do papagaio: sabem de memória frases-tipos, conseguem mais ou menos “expressar-se” em áreas bem delimitadas (vocabulário técnico, por exemplo), mas não se permitem nenhuma autonomia na compreensão ou na expressão. Para outros, será a estratégia do caos: a língua estrangeira ficará eternamente um acúmulo de termos não organizado por regra alguma, o que os condena a um galimatias pseudo-infantil mais ou menos eficaz (REVUZ, 1998, p. 225).

Diante de possibilidades, imprevisibilidade e contingências dadas à aquisição de línguas, exemplos do supracitado podem ser vistos na seção intitulada “Da ficção para a vida real: O complexo processo de aquisição de línguas” onde utilizamos experiências ficcionais para embasar a nossa pesquisa, apontando alguns fatores internos e externos que influenciam o aprendiz no processo de aquisição de línguas. A correlação que

fazemos entre ficção e realidade dizem respeito a um sistema dependente de diversos fatores, cujos fenômenos são quase que imperceptíveis no processo de aquisição/aprendizagem, e são, todavia, manifestados em longo prazo.

A complexidade do fenômeno que acontece no processo de aquisição de línguas não pode ser explicada separada do contexto sociolinguístico e das relações interpessoais do indivíduo, assim, a não linearidade do processo faz com que a aquisição/aprendizagem seja um percurso desconhecido e inexato,

As orientações atuais em relação às pesquisas de aquisição de segunda língua podem ser apreendidas em uma só palavra: complexidade. Os pesquisadores começam a perceber as dimensões sociais e interpessoais, como as psicológicas no processo de aquisição. Consideram também que tanto o insumo quanto a produção são importantes, a forma e o sentido são essencialmente inseparáveis, e que a aquisição é muito mais um processo orgânico do que linear (NUNAN, 2001, p. 91).

As representações gráficas apresentadas a seguir são propostas pelo modelo fractal de Paiva (2005), com base no mesmo conceito de formato fractal (ver Brasil 2010) apresentado por Larsen-Freeman (1997), e, suas assimilações podem ser entendidas a partir de várias conexões por sofrerem mediações diversas e ocorrerem em contextos diversificados e não funcionarem de forma igual para todos os indivíduos (PAIVA, 2005). Ademais, “nem todo mundo está pronto para essa experiência. Ela representa para alguns aprendizes um perigo que eles evitam... evitando aprender a língua” (REVUZ, 1998, p. 225). A nossa proposta com a apresentação do modelo fractal de aquisição de línguas é para podermos refletir a respeito do ensino-aprendizagem de línguas a partir de outras perspectivas:

A aquisição de línguas não pode ser vista como um produto final, mas como um processo contínuo e interminável em que temos uma dinâmica recorrente, de um padrão dentro de outro padrão [...]. Assim como uma rede só é uma rede devido às suas várias interconexões que vão se repetindo dentro de um mesmo padrão, a aprendizagem de línguas, a meu ver, funciona de forma fractal: operações cognitivas impulsionadas pelas interconexões entre as partes múltiplas de um sistema que vão se repetindo e construindo a rede de conhecimento/uso da língua em um *continuum*. (PAIVA, 2005, p. 28).

Ademais, o modelo fractal de aquisição nos mostra que o ensino de línguas está além de teorias e métodos previsíveis de aprendizagem e que o processo pode ser

melhor explicado através da dinamicidade e junção de teorias, cujas intervenções internas, inerentes do indivíduo, e externas, do meio social, influenciam no processo.

Segundo Paiva (2005), a imprevisibilidade e não linearidade do processo de aquisição de línguas é vista por Vygotsky (1984), Krashen (1985) e Lewin (1994) que compartilham pontos de encontros e divergências significativas no processo de aquisição, sendo que, o principal deles é a dependência de fatores, onde cada fator, por mínimo que seja, complementa o outro.

Acerca da apresentação do modelo fractal “a ilustração é uma das possibilidades de combinação dos fractais. Como o sistema é dinâmico, outras combinações, imprevisíveis, certamente, ocorrerão” (PAIVA, 2005, p. 29):



Fig. 1 - Modelo fractal de aquisição de línguas (PAIVA, 2005).



Ainda segundo o que apresenta a autora, o modelo fractal, apesar de ser um “modelo”, mostra claramente que não existe um padrão de aquisição de línguas a ser seguido, no entanto, o que há de relevante nesta proposta é a abrangência de possibilidades de aquisição e a variabilidade de fatores que estão presentes neste processo. Vemos, de acordo com a posição dos fractais, a arbitrariedade e a não linearidade deles, de forma que cada subsistema se divide em vários outros fractais e ao mesmo tempo estão todos interligados entre si. Vamos a explicação da composição do modelo fractal de aquisição de línguas:

Os outros componentes do subsistema que nomeio de **Bio-cognitivo** seriam: língua materna, idade, gênero/identidade, personalidade, estilos cognitivos e sensoriais, e algumas estratégias de aprendizagem. No fractal **Input** incluo os seguintes tipos de input: formal, não-verbal, comunicativo, artificial, autêntico, esporádico, contínuo, oral, escrito, variado. No fractal **Interação**, listo as seguintes possibilidades: real, simulada, virtual, negociada, em grupo, em par, centrada no professor, com outros aprendizes, com nativos ou com falantes mais competentes. O fractal do **Contexto sóciohistórico** reúne aspectos tais como a sala de aula, o ambiente natural, o estímulo, o feedback, a cultura, o grupo, os falantes, a oportunidade, o tempo, e o espaço. Em **Automatismo** estão os sons, a entonação, as estruturas, o léxico, os chunks, a colocação, os gêneros, os padrões textuais, os padrões discursivos, e as normas interacionais. Em **afiliação** incluí a identidade, o preconceito, o deslumbramento, a integração, o preconceito, os estereótipos, a proximidade, o contexto político, a inconsciente, o status e o sentimento de pertencimento. Finalmente, no fractal que denomino de **Afetivo** estariam incluídos: crenças, medo, ansiedade, atitude, auto-estima, história de aprendizagem, autonomia e tipos de motivação tais como integrativa, instrumental, política e afetiva. Para efeito de representação coloco os componentes biológicos e cognitivos em um mesmo fractal, mas cada um desses aspectos corresponde a um fractal específico que, por sua vez, também se subdividira em outros fractais. O fator “estratégias de aprendizagem”, por exemplo, se subdividiria em vários tipos de estratégias, como as cognitivas e metacognitivas (PAIVA, 2005, p. 30 – destaques da autora).

A partir da explicação do modelo fractal, podemos ver em sua composição a junção de algumas teorias de aquisição de línguas, a autora confirma “considero que todas essas teorias, inclusive a behaviorista, representam esforços para explicar partes de um mesmo todo e não devem ser descartadas, mas reunidas de forma a se ter uma visão global do processo” (PAIVA, 2005, p. 26). Temos ainda:

Nas cognitivas, teríamos outras sub-divisões, tais como memorização, tradução, inferência, etc., que também se subdividiriam. Nas metacognitivas, estariam inseridos o planejamento, a monitoração, e a avaliação da própria aprendizagem. Na interconexão entre os fractais, podemos ter várias possibilidades de organização. Para um aprendiz “interação”, por exemplo, pode estar, entre outros movimentos, se conectando à ansiedade gerada pela crença de que não ele não tem aptidão para a prender a língua e, como

consequência terá dificuldade para interagir na língua estrangeira. Um outro movimento poderia gerar uma outra formação, e a interação poderia estar conectadas ao contexto social (face a face ou mediado por computador). As possibilidades são infinitas, pois infinitos são os fatores que interferem no processo de aprendizagem. (PAIVA, 2005, p. 30).

Assim, o que propomos com a apresentação do modelo fractal de aquisição é que o ensino-aprendizagem de línguas, com a mediação do professor, possa permitir o autodesenvolvimento e autonomia do aprendiz. A começar pela influência e autoridade que o professor de línguas exerce em sala de aula, tanto por ser mediador de conhecimentos, quanto por ser difusor da língua estrangeira que ensina. Por isso, o docente, sendo conhecedor da complexidade do processo de aquisição ao qual está envolvido junto com o aluno/aprendiz, deve passar a estimulá-lo, incitando-lhe ao autodesenvolvimento de habilidades e competências linguísticas. Por isso, junto com a competência do professor, a escolha de material didático e metodologia são tão importantes quanto a sua aptidão para o ensino-aprendizagem de línguas.

O uso de material fílmico para o ensino de línguas, compartilhado no capítulo seguinte, acomoda-se no pressuposto teórico do modelo fractal de aquisição, que partilha que essa aprendizagem deve ser integradora, dinâmica e autêntica em sua prática, assim, encontramos no material proposto, a imprevisibilidade da aprendizagem, para relacionar com o processo de aquisição de línguas e apresentar através da dinamicidade e diversidade que o material fílmico oferece a variedade linguística da língua espanhola com vistas à interculturalidade.

## CAPÍTULO 3

### O ENSINO-APRENDIZAGEM À LUZ DE FILMES

Neste capítulo, discorreremos a respeito do uso do cinema, material fílmico, no processo de ensino-aprendizagem de Espanhol (E-LE), além de tecermos algumas reflexões, propomos encaminhamentos para a prática e para o desenvolvimento de novas estratégias de ensino. As discussões aqui abordadas estão reunidas em duas seções: *3.1. Cinema: Lugar da língua, da variedade, da arte e da cultura* e *3.2. Da ficção para a vida real: O complexo processo de aquisição de línguas*.

#### **3.1. Cinema: Lugar da língua, da variedade, da arte e da cultura**

Nesta seção, buscaremos apresentar reflexões baseadas em teorias acerca da importância de trabalhar com o cinema em sala de aula, já que:

A arte cinematográfica, além de representar a vida, dá formas às inquietações e desejos mais íntimos da alma humana. O filme reúne extraordinário volume de informações. Nas diferentes áreas da experiência humana e por isso deve ser utilizado, nas escolas, como um instrumento didático valiosíssimo na formação de novas gerações (TREVIZAN, 1998, p.85).

Uma breve análise pela trajetória do cinema nos mostra que, desde a década de 1960 que o cinema vem passando por uma mudança de abordagem e tem se transformado em um dos mais fortes canais de comunicação e significação sociocultural (SOUZA, 2014).

Trevizan (1998) nos fala da riqueza de informações das mais diversas áreas do conhecimento, contida em um único filme, e das possibilidades de uso que o professor pode fazer com este material, de acordo com o seu objetivo em sala de aula.

Ultimamente já podemos ver algumas mudanças no que concerne aos materiais para o ensino-aprendizagem. Gradativamente, o estável quadro negro está sendo substituído, cada vez mais, por textos multimodais (incluindo imagem, som e movimento) na busca frequente de metodologia adequada para que esse ensino possa tornar-se um aprendizado mais significativo, dinâmico, e autônomo.

material didático é um conjunto de recursos dos quais o professor se vale na sua prática pedagógica, entre os quais se destacam, grosso modo, os livros didáticos, os textos, os vídeos, as gravações sonoras (de textos, canções), os materiais auxiliares ou de apoio, como gramáticas, dicionários, entre outros” (OCEM, 2008, p. 154).

Na contemporaneidade do ensino de línguas, dispomos de distintos métodos e abordagens que visam dinamizar e qualificar o estatuto de língua estrangeira em sala de aula. Vemos que a multiplicidade de recursos existente proporciona um leque de alternativas para o professor viabilizar sua metodologia de ensino. Aqui tratamos o cinema, especificamente o material fílmico, como mediador do ensino-aprendizagem de espanhol (E-LE), tendo em vista sua variação linguística.

Neste trabalho, compartilhamos de reflexões de Souza (2014) a respeito do termo cinema que será empregado no sentido amplo da palavra. Assim como nos apresenta Macedo (2005), o cinema assume vários formatos e pode ser exibido de diversas maneiras. Atualmente, o termo cinema é substituído por audiovisual abarcando todas as mídias da mesma natureza.

Sabendo que o suporte teórico de usos dos recursos é o que viabiliza a prática do professor, pretendemos utilizar essa tecnologia – o cinema – para mostrar que é possível que os alunos aprendam e desenvolvam sua capacidade de autoaprendizagem, isto é, sem a imposição do professor estar ensinando ou transmitindo conteúdo. A finalidade é que a informação seja construída com a ajuda do professor, como mediador de conhecimentos, no entanto, edificado pela própria experiência do aprendiz.

Todavia, conscientes do complexo processo que é a aquisição de língua estrangeira para o aprendiz, vemos a necessidade de apresentar a língua espanhola tal qual ela é, variada e dinâmica, com vistas à interculturalidade, e temos o material fílmico, para expor o aluno ao contexto sociolinguístico e cultural da língua estrangeira. Pois, quando se ensina uma língua estrangeira, se busca meios que aproximem professor, conhecimento e aprendiz, dessa nova realidade, na tentativa de contextualizar o que está sendo ensinado.

Trabalhar com o cinema na sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte (NAPOLITANO, 2006, p.11-12).

O cinema é um material linguístico e cultural riquíssimo, e, não serve apenas para entreter, as inter-relações que se dão na trajetória de um filme, devem ser capturadas e observadas com um olhar objetivo e crítico acerca da realidade que se quer perceber. Segundo Dieuzeide (1967), observar seria verificar com fidelidade e precisão e, acima de tudo, compreender. Seria assim, interpretar, explicar, descobrir relações, compreender uma totalidade e chegar a uma síntese.

Uma observação importante é que o moderno ensino de línguas estrangeiras se preocupa tanto em ensinar as regras gramaticais e de pronúncia como inserir o aluno na cultura original dos idiomas. Mais uma vez o cinema se abre como uma ponte para as culturas representadas nos filmes, estimulando ainda mais o aprendizado do idioma em questão (NAPOLITANO, 2006, p. 44).

Quando indicamos o cinema para o ensino de línguas e sua variação linguística, é porque ele comporta as ferramentas necessárias para essa aproximação com o desconhecido. No entanto, antes que haja esse contato com a cultura do Outro, é necessário que haja um melhoramento na maneira de olhar o Outro de fora, ou seja, é necessária uma abordagem consciente, pois, nesse processo de aculturação<sup>4</sup> pela qual o indivíduo que está aprendendo uma nova língua está sujeito, entra também, o olhar tridimensional de quem está vendo a cultura do Outro de fora, então, deve ser trabalhada a maneira pela qual o aprendiz percebe e processa essa nova informação.

não se pode esquecer que dominar uma língua estrangeira supõe conhecer, também e principalmente, os valores e crenças presentes em diferentes grupos sociais, que certamente entrarão em contato – um contato que tanto pode se dar harmonicamente como em forma de atrito (OCEM, 2008, p. 148).

O conceito de interculturalidade, na verdade, diz respeito a uma consciência crítica e respeitosa do indivíduo perante a cultura do Outro, e é essa visão que determinará sua postura diante do diferente. O falante intercultural, portanto, é aquele que compreende a multiplicidade cultural, e a igualar no patamar de diferente (AGUILERA REIJA *et al.*, 1996).

A questão não é apenas sensibilizar o aluno e buscar formas para ensejar atitudes imparciais diante de outros valores, outras tradições, outros modos de ver, viver, e nomear a realidade. Trata-se de algo bem mais complexo: acolher o outro e compartilhar com ele hábitos, costumes, ideias (...).

---

<sup>4</sup> Termo criado por antropólogos norte-americanos. Refere-se à mescla de culturas entre si.

Apropriar-se de uma língua distinta da materna é apropriar-se de novas lentes para mirar o mundo. (GOETTENAUER, 2005, p. 64).

A respeito do uso de material fílmico para o ensino de línguas, sabemos que os filmes hoje comercializados no mercado cinematográfico são produtos de cultura de massa, e muitas vezes, não retratam aquilo que a sociedade necessita ver. No entanto, essas realidades são subjacentes e substituídas por precisões efêmeras que estão mais em evidência na mídia televisiva.

A respeito de realidades subjacentes não representadas nos veículos de comunicação, queremos citar o exemplo da variação linguística no ensino de espanhol, e dizer que está na “moda” estudar espanhol, contudo, quando partimos para o ensino da língua estrangeira na prática, notamos o quanto estamos longe de abarcar toda a diversidade linguística e cultural que, de fato, representa a língua.

Ressaltamos aqui, que o uso de material fílmico que propomos como ferramenta didática tem um fim específico e o professor deve, antemão, planejar e orientar todas as temáticas que serão abordadas após a exibição do material. O que propomos com essa amostragem é apresentar variedades e alternativas para o ensino de espanhol E-LE, pois esta língua carrega em si uma grande variedade linguística e cultural que merece ser abordada.

Ademais, não encontramos dentro dos parâmetros tradicionais de ensino, materiais específicos que tratassem da diversidade linguística da língua espanhola, e, apesar da quase inexistência desses insumos, quando aparecem nesses materiais, as variedades são tratadas como fenômenos exteriores à língua.

o primeiro fato que se evidencia nos dados é a invisibilidade da América Latina nos contextos sociais aos quais os alunos pertencem. Esses demonstram que, até então, não pensavam sua realidade sócio-histórica como parte de uma realidade latino-americana. Os alunos pareciam estar submersos em bases culturais hegemônicas, marcadas substancialmente pela influência norte-americana, e pareciam também ignorar as bases históricas comuns que orientam as histórias do Brasil e dos outros países latino-americanos (LESSA, 2004, p. 156).

O supracitado é uma iniciativa para futuras discussões a respeito da subtração dos países latino-americanos nos materiais didáticos para o ensino de espanhol LE. No entanto, para nossa proposta neste trabalho, estamos nos valendo de materiais fílmicos que estão ao nosso alcance para abordar e retratar a variação linguística um tanto subtraída nesse ensino.

O cinema nos permite, por sua dinamicidade, transportar o indivíduo para um meio

desconhecido, onde pouco se conhece sobre a cultura do Outro, seus costumes e suas crenças. Aliás, a língua estrangeira é, antes de tudo, um sentimento estrangeiro para o aluno.

Nos contatos com o universo estrangeiro se descobre o outro e se tem dele uma visão superficial, uma certa imagem que se construiu a partir de um contato fugaz ou de um não-contato e que se generalizou para todos os indivíduos pertencentes àquele grupo. Esta imagem, caso não passe por um processo de transformação e de enriquecimento, corre o risco de ficar congelada no estereótipo [...]. (SANTOS, 2002, p.03)

Tendo esse pressuposto, o cinema entra como ferramenta de aproximação de realidades distintas, para propiciar ao aluno uma amostra contextualizada e carregada de valor cultural e ideológico da língua espanhola. Por ser dinâmico, possibilita uma aprendizagem fora dos padrões convencionais de ensino, despertando no aluno, interesse em conhecer/entender a atitude do Outro que vê na tela e, isto só é possível, conhecendo sua cultura, contexto e ideologia. Dessa maneira, é que se pode estabelecer uma relação interativa com o Outro.

Outro ponto relevante na apresentação de material fílmico é a sua linguagem, normalmente a língua vista nos filmes nem sempre é a culta, a policiada de regras gramaticais. Geralmente, é a coloquial, que por mais que seja ensaiada pelo seu falante naquele contexto ficcional, não deixa de servir de amostra para a nossa pesquisa, de língua verossímil, viva, falada por nativos.

Já vimos que a aquisição de línguas é um processo complexo, e dependente de diversos fatores. No entanto, é inegável que, quanto maior o tempo de exposição à língua estudada, mais o aluno vai criando estratégias para comunicação, e essa habilidade é fruto da observação da fala e da prática do Outro, de como acontece à construção de enunciado e significado.

o único e grande desafio na profissão é se mover significativamente além do ensino de regras, padrões, definições e outros conhecimentos “sobre” a língua, a ponto de que ensinemos nossos alunos a se comunicar genuinamente, espontaneamente e significativamente na segunda língua. (BROWN, 1993, p. 15).

A competência linguístico-comunicativa é um desafio, mas também uma meta que o professor e o seu aluno devem traçar no ensino-aprendizagem de línguas, de forma que o conhecimento se efetive na transmissão e interpretação da fala do Outro, dentro de contextos diversificados.

Outras competências são estimuladas a partir do uso de material fílmico, pois ele não transmite somente informações e conhecimentos, mas estimula a compreensão auditiva e

perceptiva do aprendiz, pois no momento da apresentação do filme, ele estará vendo, ouvindo, fazendo inferências e percebendo o que se passa a sua volta.

Para o estudo de língua espanhola, cuja dificuldade maior para os brasileiros está menos no vocabulário ou na sintaxe e muito mais na inflexão e na pronúncia das frases e palavras, o cinema é uma ótima fonte de aprendizado, pois permite a assimilação da língua falada de forma divertida e envolvente. (NAPOLITANO, 2006, p. 43-44).

Deve-se compreender que a tentativa de entender o Outro, mesmo que, pela repetição de sua fala, não pode ser tida como um processo de retrocesso e imitação, mas de prática e influência positiva na aprendizagem do aluno. Algumas dessas práticas de ensino tidas como tradicionais e/ou antiquadas, como é o caso da tradução, repetição e memorização para fixação de conteúdo, podem ser eficazes para algum perfil de aluno.

Diante do exposto, estamos abordando um processo complexo, e uma teoria de aquisição de línguas pode não servir para um aluno, e concomitantemente, servir para outro, e por isso, não pode ser tratada por insuficiente. A teoria eficaz para o ensino-aprendizagem de línguas será aquela que busca a partir de outras teorias, vinculações e suporte para abordar faces de um mesmo problema, buscando juntas, alternativas e possibilidades para resolvê-lo. A concorrência que há entre uma teoria de aquisição e outra é, muitas vezes, o que impede a convergência de práticas e aprendizados diversos no ensino de línguas.

Algumas estratégias de ensino-aprendizagem buscam impossibilitar a passividade do aluno em sala de aula. O uso de material fílmico é uma delas, pois a atividade não acaba ao término do filme, é a partir daí que começam os pareceres e o desenvolvimento do objetivo da exibição do material.

Após a projeção continua, ainda, o aproveitamento do material projetado. Desde o simples interrogatório, até as técnicas mais dinâmicas de ensino devem ser usadas. O trabalho em grupo para analisar o conteúdo do filme; um estudo dirigido para verificar a compreensão e para reforçar pontos importantes; um problema a ser resolvido pela classe, em grupo ou individualmente; projetos, pesquisas, leituras adicionais, enfim, um sem limite de técnicas renovadas para fixar, desenvolver, ampliar as informações trazidas pelo material audiovisual. (PARRA & PARRA, 1970, p. 166-167).

São várias as possibilidades de utilização de material fílmico. Cabe destacar a importância de uma boa preparação do professor para lidar com as mídias audiovisuais em sala de aula, pois é necessário que ele tenha habilidade para dinamizá-las. O que não vale é utilizar o filme, audiovisuais em geral, como vídeo-tapa-buraco, vídeo-enrolação, vídeo-deslumbramento, entre outros conceitos citados por Moran (2003). Neste sentido, segundo o

autor, o material utilizado sem planejamento, organização e objetivo, passa a ser desvalorizado pelo próprio aluno, pois este não observou nenhuma finalidade educativa no material.

Aprender uma língua não é mais somente aprender outro sistema, nem só passar informações a um interlocutor, mas sim construir no discurso (a partir de contextos sociais concretos e experiências prévias) ações sociais (e culturais) apropriadas. (ALMEIDA FILHO, 2005, p.81).

Almeida Filho (2005) defende a necessidade do aprendiz se aproximar, buscar e construir um conhecimento significativo na língua estrangeira, e não somente de um conhecimento superficial e informativo da língua. Este conhecimento é fruto de experiências concretas de comunicação e interação, que são capazes de promover o aprendizado e estreitar a relação do aprendiz com a língua e seu falante.

Além dos objetivos já citados com o uso do cinema, queremos propiciar um ensino mais dinâmico e autêntico centrado na aprendizagem para e com o Outro. O importante é que este ensino venha mostrar ao aluno outras realidades, para que essa apresentação da língua e da cultura do Outro possa representar alguns dos seus usos reais de comunicação, como por exemplo, sua língua coloquial dentro e fora do contexto ficcional.

Ainda, levar a arte cinematográfica para a sala de aula é propiciar ao aluno um ensino que não se limita na instrução gramatical e vai além da presunção do livro didático. Neste sentido, busca-se promover uma aprendizagem mais centrada na troca de conhecimentos e experiências, onde tentar perceber/entender o Outro e suas reais necessidades fazem toda a diferença nesse complexo processo de aquisição de língua, pois, esse ensino tem que visar e ter como base a formação integral, plena e não o treinamento apenas informativo do aluno.

### **3.2. Da ficção para a vida real: O complexo processo de aquisição de línguas**

Dedicaremos este tópico à análise e discussão do processo de aquisição de línguas em alguns materiais fílmicos, vista que é notória a similaridade de fatores interiores e exteriores que interferem no processo e no aprendizado de uma língua estrangeira (LE), comuns a qualquer indivíduo que se depara com o “estrangeiro”, seja este, língua ou cultura.

Iremos nos deter na análise e exposição de alguns filmes que tratam do processo de aquisição de línguas, pois, é necessário apresentar, pelo menos, alguns materiais que nos sirvam de base para a nossa análise e, com isso, abrir espaço para novas discussões.

Apresentaremos uma síntese contextualizada dos seguintes materiais fílmicos: *Albergue Espanhol*<sup>5</sup>; *Um Conto Chinês*<sup>6</sup>; *O Terminal*<sup>7</sup> e *Espanglês*<sup>8</sup>.

A apresentação do modelo fractal de aquisição de línguas (PAIVA, 2005), comentado no capítulo 2 deste trabalho, e alguns de seus fatores/elementos que influenciam na aquisição/aprendizagem de línguas, pode ser visto, nesse momento, contextualizado na análise dos materiais fílmicos que elegemos.

Além disso, veremos que o ensino-aprendizagem de línguas requer exposição do contexto sociolinguístico e cultural da língua estudada, e que outros fatores como criatividade, motivação e interação são partes de um mesmo processo dinâmico.

Para começar, temos o filme *Albergue Espanhol* (2003) que, além de sintetizar o que acontece a nossa volta quando nos dispomos a conhecer uma nova língua, compartilha pontos relevantes desse complexo processo de aquisição, não apenas de língua, como, também, de cultura. O texto fílmico deste, e dos demais materiais apresentados, nos serviu de apoio teórico-prático para analisar e discutir questões como: a complexidade do processo de aquisição, fatores que influenciam na aquisição/aprendizagem de línguas, e outros. Também, é necessária uma abordagem aos filmes, para situar o leitor no contexto ao qual estamos inseridos.

O filme *Albergue espanhol*, uma produção de 2003, trata com propriedade e bom humor da questão de estudar uma língua estrangeira e do processo de aprendizagem e suas descobertas, ademais, da convivência com o diferente. Nele, é contada a trajetória de jovens de várias nacionalidades (francesa, inglesa, italiana, dinamarquesa, espanhola, alemã e belga) que dividem o mesmo apartamento, em Barcelona-Espanha para estudarem a língua espanhola.

A diferença linguística, ideológica e cultural de cada personagem é bem marcante no que concerne a identidade, mas não estereotipada. Cada personagem tenta, a seu modo, absorver os aspectos mais relevantes da língua do Outro. Ou seja, seus mecanismos de utilização da língua na prática, para sua própria comunicação e interação. O Filme resgata o conceito de falante intercultural já comentado nesse trabalho.

A súbita necessidade de conviver com mundos e gentes diversas, causa, nos personagens, estranhamento diante do novo, diante de uma língua e cultura diferentes. O

---

<sup>5</sup> (KLAPISCH, C. [Dir.] *L'Auberge espagnole*. DVD, Espanha/França: 2003).

<sup>6</sup> (BORENSZTEIN, Sebastián [Dir.] *Un Cuento Chino*. DVD, Argentina: 2011).

<sup>7</sup> (SPIELBERG, S. [Dir.] *The terminal*. DVD, EUA: 2004).

<sup>8</sup> (BROOKS, L. James. [Dir.] *Spanglish*. DVD, EUA: 2004).

mesmo processo ocorre, quando nós, brasileiros, nos aventuramos a explorar esse conjunto de especificidades da língua espanhola.

Não sei porque o mundo se tornou essa complicação. Não sei se o mundo deveria ter ficado assim. Tudo é complicado, difícil, confuso. No passado, havia campos com vacas, galinhas. Tudo era simples, creio eu. Havia uma relação direta com as coisas. No mundo de Martine tínhamos animais, comíamos o que plantávamos, fazíamos as roupas, construíamos as casas. Eu me pergunto porque deixamos o mundo de Martine. [...] Eu era um menino loiro, e queria escrever. Então, mudei. Nós podemos mudar, não é? (KLAPISCH, 2002).

Estranhar o que é ‘diferente’ é normal nos primeiros contatos de aproximação com a língua que se quer aprender, é um processo difícil para o aprendiz, este estando ou não no contexto sociolinguístico da língua estudada, o estranhamento é o mesmo.

Cada um de nós assumiremos uma postura diferente diante da língua estrangeira, e, assim como exhibe o filme, o processo de aquisição desse novo conhecimento não acontece de maneira igual para todos os indivíduos, alguns, por diversos fatores, desenvolvem habilidades e competências linguísticas mais rápido que outros,

A aprendizagem de uma LE é um processo que sofre mediações diversas, ocorre em contextos diversificados e não funciona de forma igual com todos os indivíduos. Como cada ser humano é diferente do outro, os processos semióticos, as conexões efetuadas, serão também diferentes (PAIVA, 2005, p. 29).

Nosso cuidado ao difundir uma língua é fazê-lo com responsabilidade. A língua não se esgota em si mesma, ela é construída a partir de experiências e vivências distintas, por isso, seu caráter heterogêneo. No filme, as nacionalidades se tocam e, respectivamente, se chocam, no entanto, esse contato com a diversidade possibilita aos personagens conhecimentos e aprendizados únicos.

O protagonista Xavier, que é francês, está exposto ao contexto sociolinguístico da língua que quer aprender, e é nas ruas, mais precisamente, nos bares da cidade, que ele aprende os usos da língua espanhola, pois é fora dos padrões linguísticos, dos meios tidos como formais, que a língua é propagada como realmente ela é. É no meio social que o personagem desenvolve estratégias e cria habilidades para lidar com a língua, inteirando-se com o meio e com o Outro.

O aprendiz de uma segunda língua, assim como os personagens do filme, tem que estar disposto a receber e a buscar novas informações, para que assim, possa compreender e respeitar a diferença do Outro, para que a sua também seja respeitada, sabendo que fazem

parte de mundos característicos, portanto, que se complementam, conscientes que não existe uma cultura melhor que a outra, mas sim, diferente.

[...] embora o objeto principal com que o estudante vai se relacionar seja a língua, participam nessa relação a forma como vê outros elementos a ela unidos, tais como: os falantes dessa língua e as culturas que expressa. Assim, ao se localizar no espaço do estereótipo ou do preconceito com relação a qualquer um destes objetos o aprendiz terá refletidas estas imagens no seu aprendizado (SANTOS, 2002, p. 03).

No filme *Um Conto Chinês* (2011), temos os personagens Roberto- que é argentino- e Jun- que é chinês- que se encontram acidentalmente. Jun por uma fatalidade, decidi ir à Argentina em busca de seu tio, seu único parente vivo, e que, logo ao chegar à cidade, é enganado por ladrões e assaltado. Roberto, até então desconhecido, assisti a essa cena e tenta ajudá-lo. Jun é levado para a sua casa, por estar desabrigado. Mas, Roberto tenta, a todo custo, se ver livre dele. Daí começa o difícil convívio entre os dois personagens, pois, eles não se entendem, falam línguas completamente distintas, e com isso, não conseguem interagir. Jun nasceu na China e fala cantonês; Roberto é argentino e fala o espanhol rio-platense.

Vários são os fatores que influenciam o indivíduo no momento de aprender uma língua estrangeira, e isso depende, principalmente, se o indivíduo tem o desejo, ou não, de aprender essa nova língua. “Nenhum método é capaz de impedir que qualquer um que tenha o desejo de aprender uma língua estrangeira o faça!” (REVUZ, 1998, p. 216).

No filme, o processo de aquisição/aprendizagem de língua estrangeira não acontece, por um fator primordial, a personalidade forte e ‘fechada’ de Roberto, o impossibilita de se relacionar com os demais, e o seu desinteresse em manter qualquer tipo de contato pessoal, prejudica a tentativa de entender a língua de Jun. Isso acontece porque o indivíduo que deseja adquirir um novo conhecimento tem que está aberto para recebê-lo, deve nutrir esse desejo de aprender essa nova língua, com esforço, envolvimento e interação.

O distanciamento linguístico entre os dois personagens é tanto que, pela falta de comunicação verbal, Jun busca outros meios para interagir, e a linguagem não verbal é uma delas, é através de gestos que ele tenta interagir e transmitir alguma mensagem a Roberto.

O ser humano é por natureza um ser comunicativo e interativo, a exemplo do filme, vemos que o indivíduo não consegue ficar muito tempo sem interagir com o meio e com as pessoas ao seu redor, e que, quando faltam as palavras, ele tenta se valer de estratégias extralinguísticas que as substituam. Mesmo as pessoas mais ‘fechadas’ para o mundo, como o personagem Roberto, necessitam receber e transmitir informação.

A aquisição/aprendizagem de língua estrangeira é um campo complexo que está sujeito à imprevisibilidade. No filme *O Terminal* (2004) o processo de aquisição de língua estrangeira acontece de maneira cativante. O personagem Viktor Navorski, ao chegar aos EUA, tem seu visto cancelado e é retido por tempo indeterminado dentro do aeroporto, devido a seu país- Krakozhia –ter sofrido um golpe de estado e está em guerra, tudo isso, durante sua viagem. Com isso, os habitantes daquela região não podiam nem entrar nem sair do país.

O personagem Viktor Navorski não entende o que está acontecendo a sua volta, pois não fala inglês, ele sabe apenas comandos básicos da língua, como por exemplo, chamar um táxi e seu restrito roteiro turístico. Porém, mesmo sem compreender o que se passa ao seu redor e sem entender a língua a qual está imerso, começa, por necessidade, a buscar interpretar a mensagem dos noticiários de televisão que acompanham o desenrolar da guerra no seu país. A guerra dura, aproximadamente nove meses e, durante esse tempo, Viktor permanece no aeroporto.

O personagem do filme em análise é um exemplo de aprendiz de segunda língua que, por necessidade e por estar fazendo parte do contexto sociolinguístico da língua falada, tem que encontrar meios de se comunicar e interagir. Ele vê notícias do seu país na televisão, e sem entender o que se passa, tenta ler, sem sucesso, as legendas ilustradas na tela. Com isso, ele se vê na necessidade de aprender, com muito esforço, a língua inglesa. Viktor, pela observação da ação do Outro, passa a imitá-lo, criando assim, estratégias para sua sobrevivência.

É a *intencionalidade* do personagem que o transporta para a aquisição de uma nova língua, pois, conhecendo a língua do Outro é que ele passa a entender que, além da mensagem que aquele transmite, esta mensagem, vem carregada de intenções de quem as fala, sejam elas, boas ou más. Contudo, não basta apenas identificar o código, e sim, tentar interpretá-lo.

Vemos, a exemplo do filme, algumas das etapas que um aprendiz de segunda língua passa para adquiri-la. O aprendiz não está diante somente de uma língua desconhecida, e sim, está submerso a diferenças linguísticas e ideológicas que acompanham os seus falantes. Viktor é um exemplo de aprendiz autônomo, que sozinho desenvolveu estratégias para a sua própria aprendizagem, por meio do esforço e da busca constante de preservar a própria vida, sem ferir a integridade do Outro e a sua.

Muitos indivíduos aprendem uma língua estrangeira por afinidade com a língua ou a cultura do Outro, outros, a exemplo de Viktor Navorski, aprendem por necessidade, por estar fazendo parte do contexto sociolinguístico da língua. Portanto, não existe outra maneira de aprender uma língua estrangeira a não ser através do querer. A motivação é o *input*, é o fator

chave para o desenvolvimento pessoal do indivíduo que busca se aventurar em aprender uma nova língua. Tendo motivação e dedicação para estudar, e autonomia para dinamizar essa aprendizagem, terá bons resultados na sua tentativa de adquirir e aprender uma língua estrangeira,

Aprender uma língua nessa perspectiva é aprender a significar nessa nova língua e isso implica entrar em relações com outros numa busca de experiências profundas, válidas, pessoalmente relevantes, capacitadoras de novas compreensões e mobilizadora para ações subsequentes. Aprender LE assim é crescer numa matriz de relações interativas na língua-alvo que gradualmente se desestrangeiriza para quem a aprende (ALMEIDA FILHO, 2008, p. 15).

Por último, temos o filme *Espanglês* (2004), que nos apresenta a questão da *identidade* linguística na personagem Flor Moreno. Ela é mexicana e decidiu ir com sua filha, Cristina Moreno, aos Estados Unidos em busca de trabalho. Depois de ter tido outras oportunidades, consegue emprego na casa de uma família de americanos, mas, ambas não conhecem, uma a língua da outra.

A personagem Flor Moreno e sua filha moram em um bairro onde há muitos imigrantes mexicanos, e com isso, sente-se acomodada, e ao mesmo tempo protegida, por sua língua e sua gente. Flor não se interessa por aprender a língua inglesa, Cristina, sua filha, domina a língua e, na maioria das vezes, é sua tradutora.

Pela interferência da língua e da cultura inglesa na sua vida e na vida de sua filha, a personagem Flor Moreno, se sente ameaçada e tenta preservar a sua cultura e, principalmente sua identidade hispânica. “Aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro” (REVUZ, 1998, p. 227). Assim como com a personagem Flor, muitas vezes o processo de aquisição de língua estrangeira não acontece de modo natural, gradativo, pois, o indivíduo não se aventura a aprender a língua e a apreender seu significado, se prende à sua língua materna e não consegue se identificar com nenhuma outra língua.

A personagem Flor Moreno tem como pretexto de aquisição o contexto falado da língua para aprendê-la, e com isso, a premissa oportuna para adquirir a língua inglesa, mas, como já dissemos, ela não consegue lidar com as situações reais de comunicação. Por outro lado, nos desmistifica o mito de que todo e qualquer aprendiz tem a mesma facilidade/capacidade de adquirir um idioma estrangeiro, quando este estiver inserido no contexto sociolinguístico da língua. Pois, mesmo cercada de falantes ingleses, a personagem Flor descarta esse fator contribuinte e começa a estudar o idioma por outras vias, como por exemplo, com um curso caríssimo de inglês. Porém, com o passar do tempo, ela começa a

dominar, quase que totalmente, o idioma.

O estranhamento diante do novo universo vivenciado por Flor é demonstrado pelo medo que esta tem de que sua filha já tão acostumada com todas as regalias de uma vida americanizada (estereotipada pelos personagens ingleses) perca sua identidade.

Vemos a questão da língua materna sendo reforçada pela personagem Flor. Ela, sustentando suas raízes, como mãe, não deixou sua filha se esquecer de onde tinham vindo e onde estavam firmadas as suas origens. Principalmente, a questão da *identidade*, de não identificar-se com outro modo de ser, de estar e de viver.

Nossa língua materna sempre será nossa identidade, o espelho e o reflexo da nossa cultura, das nossas raízes, e não será perdida, nem substituída por um novo conhecimento. O ambiente ao qual o aprendiz se expõe para a sua aprendizagem, tem que ser visto como um campo de extensão, onde aprendiz e aprendizado andam juntos. O indivíduo tem que querer aprender a língua, tem que criar alternativas próprias de estudo e principalmente, ser o seu principal motivador.

a aprendizagem de línguas estrangeiras esbarra na dificuldade que há para cada um de nós, não somente de aceitar a diferença, mas de explorá-la, de fazê-la sua, admitindo a possibilidade de despertar os jogos complexos de sua própria diferença interna, da não coincidência de si consigo, de si com os outros, de aquilo que se diz com aquilo que se desejaria dizer (REVUZ, 1998, p. 230).

A personagem Flor Moreno veio confirmar e contextualizar a teoria da Revuz (1998) em seu trabalho *a língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio*, pois nos fala da necessidade do aprendiz em assumir uma nova postura diante do que é considerado novo e, por isso, estrangeiro. Muitas vezes, o medo de arriscar-se a aprender uma nova língua e se dispor ao discurso do Outro, torna-se uma ameaça a sua identidade, com isso, retardando ou aniquilando sua aprendizagem. Isto foi o que ocasionou o retardo da aprendizagem da personagem Flor Moreno.

A partir das perspectivas de aquisição de línguas vistas aqui, com o uso de material filmico, pudemos ver como é complexo esse processo de aquisição ao qual, nós professores, estamos submetidos. No entanto, vale lembrar que é apenas uma síntese, e não contempla todos os processos de aquisição, de todos os aprendizes, ou mesmo, esses são apenas alguns fractais de todo um processo imprevisível, criativo e dinâmico de aprendizagem. Além disso, esses são alguns dos diversos fatores que acometem a aquisição/aprendizagem de línguas, pois, não podemos prever tudo o que pode acontecer aos indivíduos nesse estágio, o que

podemos assegurar com precisão é a imprevisibilidade do processo.

No decorrer do texto, destacamos palavras como *alteridade*, *intencionalidade*, *interculturalidade* e *identidade* por terem sido fatores mais evidentes durante a análise dos filmes, e não como fatores únicos e determinantes para a aquisição de línguas, pois sabemos que este processo depende de inúmeros outros elementos. No entanto, aproveitamos essas palavras partindo da ideia de encaminhar o aprendiz ao aprendizado, ou seja, são sugestões que colocam o aluno no centro de sua aprendizagem, pois são processos subjetivos e pessoais que influenciam sua postura diante de uma língua estrangeira.

Além disso, referem-se à necessidade de conscientizar o aprendiz a respeito da língua e da cultura do Outro. Neste processo, precisamos praticar a alteridade para lidar com o Outro, intencionalidade para aprender um novo conhecimento, sermos interculturais tendo em vista o Outro, e ainda assim, reconhecermos a nossa identidade na junção com outras.

O papel de conscientizar, exercido pelo professor, como mediador do contato com a cultura do Outro, é fundamental para o ensino, pois sua abordagem, mais precisamente, sua metodologia, encaminhará, não determinando, o aprendizado dos envolvidos no processo.

Dito de outra maneira, a *alteridade* a qual nos referimos é a concepção que parte da ideia de que o homem é um ser social e interdependente do Outro para interagir, é também um conceito que diz respeito a uma postura aberta do indivíduo frente a outros modos de ser e agir. Quando o aprendiz apresenta esse caráter de alteridade, é consciente e reconhece a importância de interagir e compartilhar experiências e conhecimentos com o Outro (TODOROV, 1982).

Já a *intencionalidade/intenção* é outro fator que orienta o aprendizado do indivíduo, pois nela é traçada uma meta e um objetivo a serem alcançados (HUSSERL, 2008), aqui a nossa consciência está voltada, intencionalmente, para o processo de aquisição/aprendizagem de línguas. O conceito de *interculturalidade* pode ser entendido como uma construção consciente da necessidade de integrar-se a gentes e culturas distintas, parte também de uma visão progressista e respeitosa acerca das diferenças do Outro. A cultura do Outro, nesta perspectiva, é como se fosse uma extensão de sua própria cultura (AGUILERA REIJA *et al.*, 1996).

Por último, temos a *identidade*, palavra que relaciona um emaranhado de caracteres da nossa personalidade e é, também, o armazenamento consciente e inconsciente de crenças, impressões e ideologias que construímos ao longo da vida. Vejamos que, quando nos deparamos com um novo código linguístico, percebemos que nosso diferencial de cultura é a nossa língua e esta é a nossa *identidade* que não se desassocia de nós. E “O *eu* da língua

estrangeira não é, jamais, completamente o da língua materna” (REVUZ, 1998, p. 225).

Os filmes aqui apresentados trouxeram, ademais de subsídios para a análise do complexo processo de aquisição de línguas, conhecimentos básicos, porém relevantes, acerca de alguns fatores (em fractais) internos e externos que influenciam o indivíduo no processo de aquisição de uma língua estrangeira. E são fatores que, na junção de outros, devem ser considerados no processo do ensino-aprendizagem de línguas, tanto pelos professores, quanto pelas escolas, no momento da escolha de material didático e metodologia adequada para o ensino.

Desse modo, a aquisição de línguas não pode ser vista como um produto final fechado em si mesma (PAIVA, 2005), e sim, um processo contínuo de integração de conhecimentos e experiências com a língua que se aprende. Por isso, o ensino de línguas deve contemplar a variedade de materiais didáticos visando esse mesmo objetivo, para que assim, o aluno possa ser exposto à diversidade linguística e cultural da língua que estuda.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, sintetizamos as reflexões e discussões apresentadas ao longo do trabalho e concluímos que o ensino de língua estrangeira requer desenvoltura e recriação de um ambiente favorável de aprendizagem para o aluno. No ensino de língua estrangeira o professor é o principal mediador da língua e, respectivamente, da cultura que ensina, uma vez que língua e cultura são indissociáveis e não podem ser compreendidas separadamente.

A nossa reflexão pautou-se nisto: de o ensino da língua estrangeira estar voltado para a amostragem da diversidade linguística e cultural do idioma. Nesse sentido, o que fizemos no decorrer do nosso trabalho foi discutir e refletir acerca do ensino de espanhol, desta língua tão heterogênea e única ao mesmo tempo, propondo a utilização de material fílmico para aproximar e contextualizar realidades, até então, distantes.

Diante das questões apresentadas, somos conscientes que o professor deve utilizar em sua prática docente distintos métodos para o ensino-aprendizagem de línguas, e se dispor a explorar a multiplicidade de materiais e tecnologias existentes. Vale ressaltar que o complexo processo de aquisição de línguas, como vimos, solicita posturas diversas frente à língua. Dessa maneira, o ensino-aprendizagem de língua estrangeira não pode ser fechado em si mesmo.

Então, esta pesquisa teve como objetivo mostrar que no complexo processo de aquisição de línguas o professor deve ter uma visão aberta e abrangente do processo e se lembrar de que há outras possibilidades de ensinar e aprender. Sendo assim, nesta perspectiva, o seu discurso e prática não são os únicos meios eficazes para o ensino-aprendizagem de línguas, e sempre haverá outros dizeres, teorias, materiais, práticas e métodos de aprendizagem que contemplam a aquisição de línguas.

Dessa forma, nossa proposta foi discutir, refletir e apresentar o material fílmico como difusor e mediador da língua e da cultura do Outro, visto que é preciso unir a diversidade de conhecimentos, experiências, materiais, metodologias, métodos e teorias que dialogam a respeito do complexo processo de aquisição de línguas. Sendo assim, todo conhecimento, a nosso ver, somente será válido quando este puder ser compartilhado e unido a outros diversos tipos de conhecimentos e saberes.

### **Contribuições teóricas**

Nesta seção, apresentamos as possíveis contribuições teóricas e práticas, deixadas por este trabalho que visou refletir e discutir o ensino-aprendizagem de Espanhol- (E-LE) a partir de outras perspectivas: não a tradicional, e, não somente a gramatical, incentivando o uso de tecnologias, para maior aproximação e contato com a língua e a cultura estudada.

Atualmente, a Linguística Aplicada tem ampliado suas pesquisas a respeito dos processos de ensino-aprendizagem de línguas, visando diferentes contextos e práticas de aplicação de teorias, com isso, neste estudo, buscamos – baseados em Souza (2014a) - propor caminhos que levem o aluno ao conhecimento de diversas culturas a partir do cinema, através do conhecimento da língua no contexto sociolinguístico de propagação cultural.

### **Contribuições práticas**

Acreditamos que a nossa pesquisa veio a contribuir na aplicação de teorias de aquisição de línguas de modo geral e, especificamente, ao processo de ensino-aprendizagem de Espanhol (E-LE). Propusemos o uso do cinema, porque, como mostramos ao longo do trabalho, o material fílmico apresentado é intercultural, dinâmico e inovador, pois coloca o aluno no centro de sua aprendizagem, incentivando-o assim, a autonomia e autodesenvolvimento pessoal.

Sobretudo, o nosso trabalho, tem caráter prático, porque propõe reflexões e discussões acerca do complexo processo de aquisição de línguas no ensino-aprendizagem, apresentando alguns fatores, teorias e possibilidades que podem interferir e ajudar no processo de aprendizado e conhecimento da língua, visando à interculturalidade do indivíduo.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA REIJA, Beatriz et al. **Educación Intercultural**. Análisis y resolución de conflictos. Madrid: Editorial Popular, 1996.
- ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Linguística Aplicada, Ensino de Línguas & Comunicação**. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- ALMEIDA FILHO, J.C.P.. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes Editores, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 50ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC, Secretaria da Educação Básica, 2006.
- BRASIL. LINGUAGENS, códigos e suas tecnologias. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008 (Orientações curriculares para o ensino médio).
- BRASIL, O. S. W. **Lingualização e Complexidade: Um Paralelo Possível?** Dissertação (Mestrado em Letras). Rio de Janeiro: UFF, 2010.
- BROWN, H. D. **Principles of language learning and teaching**. 3. Ed. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1993.
- CAVALCANTI, Marilda do Couto. A propósito da Linguística Aplicada. **Trabalhos de Lingüística Aplicada**, vol. 7 Campinas: 1986.
- CELANI, M. A. A. & PASCHOAL, M. S. Z. (Orgs) **Lingüística Aplicada**. São Paulo: EDUC, 1992.
- DIEUZEIDE, H. **As técnicas Audiovisuais no ensino**. Publicações Europa-América. Lisboa: Coleções Saber, 1967.
- FARACO, C. A. **Lingüística histórica**. Uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005.
- FONSECA, J. J. S. **Apostila de Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- GOETTENAUER, Elzimar. Espanhol: língua de encontros. In: SEDYCIAS, J. (Org.). **O ensino do espanhol no Brasil**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 61-70.
- HOYOS-ANDRADE, Rafael. Dialectología americana y enseñanza del español. **Língua e Literatura**, FFLCH / USP, São Paulo, 3.v. p. 171-181, 1974.
- HUSSERL, E. **A Ideia da fenomenologia**. Trad. A. Morão. Lisboa: Edições 70, 2008.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/complexity science and second language acquisition. **Applied Linguistics**, v. 18, n. 2, p. 141-165, 1997.

LARSEN-FREEMAN, D. ; CAMERON, L. **Complex System and Applied Linguistics**. NY: Oxford University Press, 2008.

LEFFA, V. J. . Quando menos é mais: a autonomia na aprendizagem de línguas. In: Christine Nicolaidis; Isabella Mozzillo; Lia Pachalski; Maristela Machado; Vera Fernandes. (Org.). **O desenvolvimento da autonomia no ambiente de aprendizagem de línguas estrangeiras**. Pelotas: UFPEL, 2003, v. , p. 33-49.

LESSA, G. S. M. Memórias e identidades Latino-Americanas invisíveis e silenciadas no ensino-aprendizagem de espanhol e o papel político do professor. In: ZOLIN-VESZ, Fernando. (Org.) **A (In) Visibilidade da América Latina no Ensino de Espanhol**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, p.17-27.

LESSA, G. S. M. “**Lá na América Latina...**” Um estudo sobre a (re)construção das identidades culturais na sala de aula de espanhol LE. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

LOPE BLANCH, J.M. **Estudios de lingüística hispanoamericana**. México: UNAM, 1989.

MACEDO, F. **Manual do cineclub**e. São Paulo, 2005.

MOITA LOPES, L.P. **Oficina de Lingüística Aplicada**: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

MORAN, J. M. Os vários usos do cinema e de vídeo na escola. In: NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Qué español enseñar**. Madrid: Arco/Libros S. L., 2007.

MOTTA, L. M. V. M. Reflexão e conscientização para o uso de estratégias de aprendizagem: dois momentos no desenvolvimento do professor. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 1997.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

NUNAN, D. Second language acquisition. In: CARTER, R., NUNAN, D. (Ed.). **The Cambridge guide to teaching English to speakers of other languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PAIVA, V. M. O. Modelo fractal de aquisição de línguas. In: BRUNO, F. C. (Org.). **Reflexão e prática em ensino/aprendizagem de língua estrangeira**. São Paulo: Editora Clara Luz, 2005. p. 23-36.

PARAQUETT, M. **O papel que cumprimos os professores de espanhol como língua estrangeira (E/LE) no Brasil**. Cadernos de Letras da UFF. Dossiê: Diálogos Interamericanos, nº 38, p. 123-137, 2009.

PARRA, I. C. C.; PARRA, N. **Técnicas Audiovisuais de educação**. 2. Ed. São Paulo: Editora Edibell Ltda. 1970.

REVUZ, Christiane. “A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio”. In: SIGNORINI, Inês (Org.) **Lingua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.

SANTOS, Hélade S. O papel de estereótipos e preconceitos na aprendizagem de línguas estrangeiras. Disponível em: <[www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid...script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid...script=sci_arttext)>, acessado em 10/11/10.

SOUZA, Fábio Marques *et al.* O cinema no aperfeiçoamento das competências do aprendiz de línguas (materna e estrangeira). In: Sheila Zambello de Pinho e José Roberto Corrêa Saglietti. (Org.). **Núcleos de Ensino** - Projetos de 2005. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora/UNESP Publicações, 2007, v. 1, p. 487-499.

SOUZA, Fábio Marques *et al.* Ensino de língua estrangeira mediado pelo cinema: uma abordagem comunicativa para o desenvolvimento da oralidade. In: PINHO, Sheila Zambello de; OLIVEIRA, José Brás Barreto de. (Org.). Núcleos de Ensino da Unesp: artigos dos projetos realizados em 2009. 1ed.São Paulo: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2011, v. 1, p. 1533-1549.

SOUZA, Fábio Marques BÁRCIA, M.S. Aquisição da sub-competência gramatical em e-le (espanhol-língua estrangeira) mediada pelo cinema. *Entrepalavras Revista de Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da UFC*, v. 2, p. 18-29, 2012.

SOUZA, Fábio Marques; BRAGA, E.F. El uso de distintas tecnologías en el proceso de enseñanza-aprendizaje del español-lengua extranjera (E-LE). In: Fábio Marques de Souza; Angela Patricia Felipe Gama. (Org.). **MÍDIA, LINGUAGEM E ENSINO**: diálogos transdisciplinares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, v. 1, p. 221-232.

SOUZA, Fábio Marques; BONGESTAB, C. Texto fílmico: imagem e intertextualidade. In: Fábio Marques de Souza; Samir Mustapha Ghaziri. (Org.). **PESQUISA E ENSINO DE LEITURA NO MUNDO ATUAL: DEBATES MÚLTIPLOS**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, v. 1, p. 18-37.

SOUZA, Fábio Marques. Multiculturalismo e o processo de aquisição de línguas estrangeiras representado em um conto chinês . In: Ester Myrian Rojas Osorio. (Org.). **MIKHAIL BAKHTIN: A POÉTICA SOCIOLÓGICA E OS ESTUDOS CULTURAIS**. 1ed.São Carlos: Pedro & João Editores, 2012a, v. 1, p. 15-45.

SOUZA, Fábio Marques. Unidad, diversidad y la enseñanza del español americano para brasileños: el caso del español rioplatense. *Hispanista (Edición Española)*, v. XIII, p. 1-12, 2012b.

SOUZA, Fábio Marques. O cinema como mediador no tratamento da variação linguística na sala de aula de espanhol - língua estrangeira (E/LE) para brasileiros Relatório (Iniciação Científica). Monteiro: UEPB, 2013.

SOUZA, Fábio Marques. **A (re)construção de crenças de professores de espanhol-língua estrangeira em formação inicial mediada pelo cinema**. Tese (Doutorado em educação: cultura, organização e educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: USP, 2014a.

SOUZA, Fábio Marques. **Contribuições da sétima arte para a compreensão e potencialização do processo de ensino-aprendizagem**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). São Paulo: UNINOVE, 2014b.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América** – A questão do Outro. São Paulo: 1982.

TREVIZAN, Z. **As malhas do texto**: escola, literatura, cinema. São Paulo: Clíper, 1998.

VENTURA, R. P. **Variaciones en algunos usos pronominales del español**. In: BRUNO, F. C. (Org.). Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras: reflexão e prática. São Carlos, SP: Claraluz, p. 115-120, 2005.

Anexo 1: *Qué difícil es hablar el español (Juan Andrés e Nicolás Ospina)*

*Yo viaje por distintos países,  
Conocí las más lindas mujeres,  
Yo probé deliciosa comida,  
Yo baile ritmos muy diferentes,*

*Desde méxico fui a patagonia,  
Y en españa unos años viví,  
Me esforcé por hablar el idioma,  
Pero yo nunca lo conseguí,*

*Qué difícil es hablar el español,  
Porque todo lo que dices tiene otra  
definición,  
Que difícil entender el español,  
Si lo aprendes no te muevas de región.*

*Qué difícil es hablar el español,  
Porque todo lo que dices tiene otra  
definición,  
Que difícil entender el español,  
Yo ya me doy por vencido para mi país me  
voy.*

*Yo estudiaba en castellano cuando hacia  
la secundaria,  
De excursión de promociones fuimos a las  
islas canarias,  
En el viaje comprendí que de español no  
sabía nada,  
Y decidí estudiar filología hispana en  
salamanca.*

*Terminada la carrera yo viaje a ciudad de  
méxico,  
Sentía que necesitaba enriquecer mi  
léxico,  
Muy pronto vi que con el español tenía una  
tara,  
Y decidí estudiar otros tres años en  
guadalajara,*

*Cuatro meses en bolivia,  
Un posgrado en costa rica,  
Unos cursos de lectura con un profesor de  
cuba,*

*Tanto estudio y tanto esfuerzo y al final tú  
ya lo ves,  
Este idioma no se entiende ni al derecho ni  
al revés.*

*Qué difícil es hablar el español,  
Porque todo lo que dices tiene otra  
definición,  
Que difícil entender el español,  
Yo ya me doy por vencido para mi país me  
voy.*

*En venezuela compre con mi plata una  
camisa de pana,  
Y mis amigos me decían ese es mi pana,  
ese es mi pana,  
Y en colombia el porro es un ritmo alegre  
que se canta,  
Pero todos me miran mal cuando yo digo  
que me encanta,  
Los chilenos dicen cuando hay algo lejos  
que tal la chucha,  
Y en colombia el mal olor de las axilas es  
la chucha,  
Mientras tanto en uruguay a ese olor le  
dicen chivo,  
Y el diccionario define al chivo como una  
cabra con barbudas (beeee).*

*Y cambiando una vocal la palabra queda  
chucho,  
Y chucho es un perrito en salvador y  
guatemala,  
Y en honduras es tacaño, y a jesús le dicen  
chucho,  
Con tantas definiciones como se usa esa  
puta palabra*

*Chucho es frio en argentina, chucho en  
chile es una cárcel,  
Chucho en méjico si hay alguien con el  
don de ser muy hábil.*

*El chucho de chucho es un chucho  
ladrando,*

*Y por chucho a chucho lo echaron a chucho,  
El chucho era frio y lo agarro un chucho  
Que chucho decía, extraño a mi chucho.*

*Qué difícil es hablar el español,  
Porque todo lo que dices tiene otra definición,  
Que difícil entender el español,  
Yo ya me doy por vencido para mi país me voy.*

*Comencé por aprender los nombres de los alimentos,  
Pero frijol es poroto y habichuela al mismo tiempo,  
Y aunque estaba confundido con lo que comía en la mesa,  
De algo yo estaba seguro un strawberry es una fresa y,  
Que sorpresa cuando en méjico a mí me dijeron fresa,  
Por tener ropa de armani y pedir un buen vino en la mesa.*

*Con la misma ropa me dijeron cheto en argentina,  
Cheto es fresa yo pensé y pregunte en el mercado en la esquina,  
Esa mona tan chetas y la cajera se enojó,  
¡ándate a la re puuu que te re mil pario!*

*"y fresas parce",  
Me dijo un colombiano mientras vio que yo mariado me sentaba en una silla  
Hermanito no sea bruto y apúntese en la mano,  
En buenos aires a la fresa le dicen frutilla.*

*Yo me canse de pasar por idiota,  
Digo lo que a mí me enseñan y nadie entiende ni jota.  
Y si ni jota no se entiende pues pregunte en bogotá,  
Yo me rindo, me abro, me voy pa Canadá.*

*Un pastel es un ponqué,  
Y un ponqué es una torta,  
Y una torta el puñetazo,  
Que me dio un español en la boca.*

*Ella se veía muy linda caminando por la playa,  
Yo quería decirle algún piropo para conquistarla,  
Me acerque y le dije lo primero que se me ocurrió,  
Se voltio, me grito, me escupió y me cachetio.*

*Capullo yo le dije porque estaba muy bonita y,  
Si capullo es un insulto quien me explica la maldita cancioncita:  
"lindo capullo de alelí, si tú supieras mi dolor,  
Correspondieras a mi amor y calmaras mi sufrifrifrifri",*

*Miento es lo que yo tengo,  
Y por más que yo lo intento yo a ti nunca te comprendo  
Ya no sé lo que hay que hacer para hacerse entender,  
Y la plata de mis clases no quisieron devolver.*

*Qué difícil es hablar el español,  
Porque todo lo que dices tiene otra definición,  
Que difícil entender el español,  
Yo ya me doy por vencido para mi planeta me voy.*

*En españa al líquido que suelta la carne la gente le dice jugo,  
Por otro lado en españa al jugo de frutas la gente le dice zumo,  
Me dijeron también que el sumo pontífice manda en la religión,  
Y yo siempre creí que un zumo era un gordo en tanga peliando en japon.*

*Conocí a una andaluza se llamaba concepción,  
Su marido le decía concha de mi corazón,  
Vámonos para argentina le dije en una ocasión,  
"lo siento pero si me dicen concha creo que allá mejor no voy"  
Pero concha que te pasa si es un muy lindo*

país,  
 Hay incluso el que compara buenos aires  
 con paris.  
 De mi apodo allá se burlan de la forma  
 más mugrienta,  
 Siempre hay cada pervertido que de paso  
 se calienta,

Y con tanto santísimos todo es más  
 complicado  
 Si traduces textualmente no tienen  
 significado  
 "i'll well call you back", te diría cualquier  
 gringo,  
 Yo te llamo pa atrá te dicen en puerto rico.

Ojos es eyes, ice es yellow, yellow el color  
 de la yema del huevo,  
 Oso es bear, y ver es si, si es la nota que  
 en inglés es bi,  
 Y aparte bee es una abeja y también es ser.  
 Sr michael le decía a mi profe de inglés,

El que cuida tu edificio es un guachimán,  
 Con los chicos de tu barrio sales a  
 canguear,  
 La glorieta es una round point, te vistes  
 con overol  
 ¡porque tiene que ser tan difícil saber  
 como diablos hablar español!

No es que no quiera perdí la paciencia,  
 La ciencia de este idioma no me entra en  
 la conciencia,  
 Yo creía que cargando un diccionario en  
 mi mochila,  
 Y anotando en un diario todas las palabras  
 que durante el día aprendía,  
 Y leyendo, viajando, charlando,  
 estudiando, y haciendo amigos en cada  
 esquina,  
 Y probando todo tipo de comida y  
 comprando enciclopedias de antología,  
 Yo pensé que aprendería, y con verlo  
 lograría,  
 Mis esfuerzos fueron en vano.

Yo creía que hablaría el castellano pero ya  
 no no no no no no no no...

Qué difícil es hablar el español,  
 Porque todo lo que dices tiene otra  
 definición.

En chile polla es una apuesta colectiva,  
 En cambio en españa es el pene,  
 Alguna gente en méjico al pene le dice  
 pitillo,  
 Y pitillo en españa es un cigarrillo,  
 Y en venezuela un cilindro de plástico para  
 tomar bebidas,  
 Es mismo cilindro en bolivia se conoce  
 como pajita,  
 Pero pajita en algunos países significa  
 masturbacioncita,  
 Y masturbación en méjico puede decirse  
 chaqueta,  
 Que a la vez es una especie de abrigo en  
 colombia,  
 País en el que apropósito una gorra con  
 bisera es una cachucha,  
 Cuando cachucha en argentina es una  
 vagina,  
 Pero allá a la vagina también le dicen  
 concha,  
 Y conchudo en colombia es alguien  
 descarado o alguien fresco,  
 Y un fresco en cuba es un irrespetuoso,  
 "ya estoy mamado"

Pero mamado de qué?,  
 Mamado de borracho?  
 Mamado de chupeteado?  
 Mamado de arto?

This is exhausted...

Yo ya me doy por vencido para mi país me  
 voy.